

## **“ATIVISTAS” CONTRA A DEMOCRACIA: OS PERIGOS DO ATIVISMO DE DIREITA E DE SUA DISSIMULAÇÃO ESTRATÉGICA<sup>1</sup>**

### **“ACTIVISTS” CONTRA DEMOCRACY: THE DANGERS OF RIGHTWING ACTIVISM AND ITS STRATEGIC DISAVOWAL**

Shakuntala Banaji <sup>2</sup>

#### **Resumo**

A palavra “ativismo” pode remeter a figuras distintas de acordo com o contexto institucional e geopolítico. No entanto, em círculos progressistas de esquerda, o termo tem sido usado para designar algo que desafia ou resiste contra a injustiça, alinhado com valores democráticos e progressistas mais amplos. Recentemente, até cerca de 2012, as mídias sociais ainda eram celebradas como um novo meio de transformação social progressista, parte de um conjunto de outras ferramentas contra a autocracia no Sul Global. De maneira fundamentada em entrevistas originais realizadas nos últimos cinco anos, este artigo delinea, de forma contundente, a partir de uma perspectiva socialista-feminista interseccional, os perigos de permitir que uma concepção ingênua e otimista de ativismo desvie a atenção da política fascista em prática em espaços on-line em amplos territórios do Sul Global, incluindo o Brasil e a Índia.

#### **Palavras-chave**

Ativismo; Violência de extrema direita; Ataques coordenados contra ativistas progressistas; Análise interseccional; Mídias sociais.

#### **Abstract**

The word activism tends to conjure different imagery depending on the institutional and geopolitical context. However, in left progressive circles it has usually connoted something challenging towards or resistant to injustice, and aligned with broadly progressive and democratic values. As recently as 2012, social media were being lauded as a new means of progressive social change in a bouquet of other tools against autocracy in the Global South. Based on original interviews over the past five years, this article outlines starkly, and from an intersectional socialist-feminist perspective, the dangers of allowing a warm fuzzy conception of activism to divert attention from the fascist politics being enacted online across vast swathes of the Global South, including in Brazil and India.

#### **Keywords**

Activism; Far right violence; Trolling of progressive activists; Intersectional analysis; Social media.

1 Versão traduzida do artigo “Activists’ contra democracy: the dangers of rightwing activism and its strategic disavowal”, publicada originalmente pela autora Shakuntala Banaji no periódico *Communication, Culture and Critique*, v. 16, n. 2, p. 116-118, jun. 2023. DOI: 10.1093/ccc/tcad014. Disponível em: <https://academic.oup.com/ccc/article/16/2/116/7128242>. A tradução foi realizada por Lucianna Furtado. Agradecemos à autora, profa. Shakuntala Banaji; à editora do periódico, profa. Paula Chakravartty; e à Oxford University Press por autorizarem a tradução e a publicação em português na Revista Dispositiva. [N. T.].

2 Doutora em Mídia e Comunicação pela University College London (UCL). Professora do Departamento de Mídia e Comunicação da London School of Economics and Political Science (LSE), no Reino Unido. [s.banaji@lse.ac.uk](mailto:s.banaji@lse.ac.uk), <https://orcid.org/0000-0002-9233-247X>.

## Introdução

Nos últimos cinco anos, eu e colegas em diversos países temos coletado relatos de ativistas e de pessoas comuns que *produzem e promovem* ou que *recebem e sobrevivem* ao ódio mediado. Ao longo desta pesquisa e nos anos que a antecedem, meus projetos de pesquisa investigaram o potencial de várias formas de mídia, desde o cinema e a televisão até a internet, para incentivar e fortalecer o ativismo a favor da democracia e da justiça (Banaji; Buckingham, 2013; Banaji; Mejias, 2020; Banaji; Moreno-Almeida, 2021).

Partindo do tensionamento entre visões tecno-otimistas e tecno-pessimistas da internet, parte do nosso trabalho inicial identificou tanto razões para cautela (ataques coordenados online, misoginia, desinformação profissional e sistemática contra minorias raciais, religiosas e outros grupos subalternizados; o crescimento de teorias da conspiração supremacistas e de extrema-direita) como algumas formas específicas de utilidade da esfera das mídias sociais online em crescimento (um meio de suposto baixo custo para fazer opiniões diversas circularem entre públicos mais amplos, em contextos em que a mídia hegemônica é controlada por ideologias autoritárias ou de direita; uma ferramenta inestimável para a organização e a conexão entre pessoas, um arquivo de produções artísticas e criativas).

No entanto, cada vez mais, os tipos de ativismo viabilizados pela esfera online têm sido devidamente contestados, não apenas devido aos resultados políticos pretendidos e efetivamente concretizados, mas também em relação às conexões entre a extrema-direita, os inatingíveis bilionários da tecnologia e as tendências político-econômicas neoliberais. Como diz o ditado, "A justiça social tem um custo alto, enquanto o ódio tem alto valor de mercado".

## O extremismo se torna o padrão: o enquadramento liberal do ativismo de extrema direita

Em outubro de 2022, o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), venceu as eleições presidenciais no Brasil por uma diferença pequena. Por trás das cenas de celebração entre os ativistas e apoiadores do Partido dos Trabalhadores, paira uma realidade aterrorizante e violenta: a devastação de parte considerável da Amazônia por anos de neoliberalismo ambiental niilista, a morte de centenas de defensores da terra, o aumento sem precedentes das taxas de homofobia e misoginia, além do aumento da violência e do assédio jurídico contra cientistas, médicos e políticos de esquerda por parte dos conservadores e seus meios de comunicação de preferência ao longo dos últimos quatro anos.

Após a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, assim como na eleição do líder supremacista hindu e de seu partido na Índia em 2014, vieram à tona multidões físicas e digitais, muitas delas com imaginários supremacistas, utilizando o ódio e o linchamento como ferramentas de ativismo (Banaji, 2018; Banaji *et al.*, 2019; Banaji; Bhat 2022; Pirro; Róna, 2019). Todas essas pessoas, sejam os ideólogos de extrema direita que publicam

textos e vídeos sobre o movimento ou soldados rasos que intimidam públicos progressistas para silenciá-los, consideram a si como “ativistas”. Nenhum desses grupos autoritários interromperam suas atividades só porque seus líderes perderam as eleições. Ao contrário, mantiveram sua atuação como ativistas, nas congregações de igrejas, nas associações de madeireiros, nas forças policiais locais e no ambiente online.

Paralelamente, sem a incansável organização, determinação e trabalho de base de centenas de milhares de pessoas dos movimentos negros e indígenas, feministas negras, defensoras da terra na Amazônia e envolvidas com práticas espirituais afrobrasileiras, o líder fascista Jair Bolsonaro e seu governo teriam se mantido no poder para um segundo mandato, como aconteceu na Índia em 2019 com Narendra Modi, líder do partido indiano *Bharatiya Janata* (BJP, na sigla em inglês), com o apoio de ativistas partidários de extrema-direita e de gabinetes do ódio<sup>3</sup> online junto a seus exércitos de ódio formados por seus simpatizantes ideológicos.

### **Discriminação estratégica: quando o inimigo do seu inimigo constrói seu movimento**

Cabe, no entanto, uma pausa para nos debruçarmos sobre os argumentos que explicam como o “ativismo” de direita e extrema-direita se infiltrou nos vocabulários políticos mediados de modo a desestigmatizar seus apoiadores, até mesmo aqueles envolvidos em atos de violência online e offline. O primeiro argumento, é claro, é a interconexão política e econômica entre membros do governo e os dirigentes das corporações de mídia e tecnologia. O segundo é que, cunhando o termo “ambiguidade de enquadramento estratégica”, Berntzen (2019) – cujo posicionamento sobre a dimensão supostamente “liberal” do ativismo de extrema-direita contemporâneo é, às vezes, um pouco ambíguo – argumenta que é por meio do malabarismo discursivo para disfarçar seu ativismo como uma defesa de ideais como a “liberdade de expressão” ou “valores civilizados” que, por exemplo, os partidos islamofóbicos e seus grupos de ativistas na Europa conseguiram formar alianças com movimentos e instituições aparentemente liberais e de centro.

Esse foi o caso dos partidos islamofóbicos e racistas também em outros países, incluindo o BJP na Índia, e também é o que acontece com uma ampla gama de indivíduos e grupos que se denominam críticos de gênero e se opõem aos direitos das pessoas trans, por meio do alarmismo sobre ameaças à sua liberdade de expressão e de apelos a noções essencialistas biológicas de feminilidade. Enquanto ativistas do BJP e de outros grupos hindus fanáticos de extrema-direita na Índia cotidianamente se conectam à extrema-direita global por meio do YouTube, Twitter, Instagram e Facebook, seu alcance é muito maior no próprio Sul Global e na diáspora indiana, por meio de aplicativos de mídias sociais como Telegram, WhatsApp e Messenger. Nesses espaços, tanto ativistas nacionais como transnacionais cujo ativismo foi normalizado pela mídia (por meio de uma incorporação estratégica de discursos racistas como uma defesa do

<sup>3</sup> No contexto político indiano, o termo original “IT cells” designa setores de partidos políticos estabelecidos para promover a própria ideologia e influenciar discussões políticas nas redes sociais. Na tradução para o público brasileiro, a expressão “gabinete do ódio” é a que mais se aproxima deste fenômeno. [N.T.].

liberalismo/civilização e da dissimulação da violência extrema como algo distante e fora do padrão) podem convocar a violência e/ou o genocídio contra refugiados, muçulmanos, pessoas negras, pessoas indígenas e outros grupos subalternizados, com poucas chances de uma oposição efetiva (Winter, 2019).

Formatado na linguagem da supremacia branca ou hindu, do controle patriarcal e da misoginia, mas também mascarado como uma defesa dos direitos das mulheres, de valores liberais, da civilização ou da democracia, o ódio online direcionado contra ativistas pelos direitos das pessoas trans, ativistas socialistas e ativistas pela democracia perpetrado por ativistas de extrema-direita disseminados no Brasil e na Índia, assim como na Europa, nos Estados Unidos e no Reino Unido, reflete padrões interseccionais da opressão, discriminação e violência históricas. Desde as imagens de armas, forcas, cruces e estupros enviadas para pessoas ativistas negras, indígenas, *dalit* e muçulmanas como forma de ameaçá-las de morte e de violência sexual, até a ampla fetichização e desumanização de suas comunidades na mídia tradicional e nas mídias sociais, o caráter viral do ódio transnacional é mais um fardo que muitas pessoas comuns e ativistas progressistas precisam carregar. Isso impacta todos os aspectos de suas vidas, desde seu senso de segurança física quando saem de casa até sua saúde mental e o bem-estar de suas famílias a longo prazo. E, como se isso não fosse o suficiente, essas pessoas estão sujeitas a golpes elaborados, ameaças de *spyware* e invasão de seus celulares, além do assédio político e jurídico por parte das “autoridades” como parte da lista de problemas com os quais elas devem se preocupar.

## O preço do ativismo de extrema-direita para ativistas progressistas

Para compreender como ativistas de extrema-direita radicalizados atacam pessoas comuns e ativistas de grupos subalternizados, é importante, antes, refletir sobre as experiências cotidianas das vítimas de ativistas de extrema-direita institucionais e independentes, conforme foram relatadas para nós e nossa equipe de pesquisa em várias entrevistas e grupos focais entre os anos de 2018 e 2022.

Se você publicar um post sobre igualdade de gênero no Facebook, as pessoas vão responder de forma muito obscena, e até mesmo fazer comentários sobre partes íntimas do seu corpo, como sua vagina e seus seios, ou sobre seu peso. Eles acreditam que, ao fazer comentários sobre o corpo ou sobre a sexualidade de uma mulher, vão fazê-la sentir vergonha e se calar. Estes ataques são usados como uma ferramenta [por fascistas hindus, homens de castas superiores e até mesmo homens da minha comunidade]. Eu sou confrontada com isso cotidianamente, então eu aprendi a lidar com esse problema contendo o meu medo, bloqueando, simplesmente não pensando nisso. Mas há outras garotas que trabalham comigo [que não conseguem suportar]. (Ativista *dalit*, Índia, 2021).

Na Índia, o ódio é apoiado pelo Estado (...), podemos observar que muitos [muçulmanos] foram agredidos e presos em nome dessa ideia de

“love jihad”<sup>4</sup>. Vemos que (...) os linchamentos e o ódio se tornaram parte do padrão. Eu não estou dizendo que isso não acontece com as minhas contrapartes no Paquistão: aconteceu e continua acontecendo. As pessoas me maltratam só por causa do meu nome e da minha religião, mesmo se eu estiver apenas fazendo um comentário sobre o jogo de cricket, o que leva ao meu mau humor e aos meus amigos e minha família dizendo para eu sair da internet. Agora nada mais é visto como extremista. (Jornalista, Índia, 2021).

Minha foto [como uma jornalista mulher que faz a checagem de fatos de conteúdo de extrema direita] foi usada várias e várias vezes em ameaças de estupro, ameaças de morte e ódio online. E não adianta pedir para o Facebook ou o Twitter remover essas publicações, porque eles [os ativistas fascistas] fizeram um dossiê muito bem produzido, documentando duas, três páginas sobre cada um de nós jornalistas e profissionais de checagem de fatos mais liberais ou à esquerda em todo o Brasil, que eles divulgaram abertamente. É uma lista de monitoramento e eles fazem muito mais do que só nos monitorar. (Jornalista e ativista pelo direito à informação, Brasil, 2021).

O problema é que, mesmo se eu quisesse, mesmo se ativistas antirracistas, anti-misoginia e a favor dos direitos das pessoas trans quisessem, nós nunca poderíamos, nunca usaríamos as mesmas estratégias da extrema direita. E nós não temos proteção do Estado, da Igreja, como os grupos de extrema direita têm. A violência que eles praticam é considerada como um ativismo em defesa da religião, da causa branca. Nossa autodefesa é considerada como um crime, como anti-liberal, porque estamos tentando impedir seu direito de expressão, de expressar seu ódio. A mídia joga com essa narrativa. As corporações de tecnologia sem dúvida fazem o mesmo. (Professora feminista negra, Brasil, 2021).

Eu ainda nem falei da imensa sobrecarga imposta diariamente sobre nós, por ser uma ativista queer e a favor dos direitos das pessoas trans. Se sentir odiada e diminuída o tempo todo, sentir medo na igreja, na rua, não poder assistir as notícias, não poder entrar num bar sem ouvir ataques de ódio e coisas repletas de raiva e confusão. O que nós fizemos, além de pedir o direito à vida e à dignidade? E eu sei que muitos ativistas anti-trans realmente acreditam que eles estão lutando pela própria dignidade e pelos próprios direitos. Mas existe uma diferença entre o que é real e o que é imaginado. (Estudante e ativista negra da comunidade LGBTQ, Reino Unido, 2021).

A teorização a partir desses testemunhos mostra a importância tanto das abordagens político-econômicas como dos estudos críticos da raça e do sistema de castas: as relações entre as empresas de tecnologia, os partidos políticos de direita e o ativismo de extrema direita levam ao descaso diante da discriminação contra pessoas negras, *dalit* e muçulmanas, bem como à misoginia interseccional. Na verdade, mesmo em contextos em que a violência contra cidadãos é vista como digna de alerta e repro-

4 No contexto político indiano, o termo “love jihad” designa uma teoria da conspiração criada por grupos hindus de extrema direita, que alega que os homens muçulmanos seduzem as mulheres hindus com promessas de amor e romance, para, então, se casar com elas e forçá-las a se converter para o Islã. Trata-se de um pânico moral com o objetivo de justificar a violência contra homens muçulmanos e contra mulheres hindus, deslegitimando suas escolhas no campo afetivo-sexual. [N.T.].

vação, ativistas progressistas parecem ser vistos como alvos legítimos, considerando como o Estado carcerário trata a violência sofrida por tais ativistas. Os ataques coordenados online, a violência, o ódio e a litigância de má-fé, bem como a cumplicidade da polícia e as políticas relacionadas, passam, então, a ser incorporadas em – e se tornam formas corporificadas de – ações de comunicação estratégica que enfraquecem e deslegitimam ainda mais os direitos, as vidas e as demandas de populações historicamente minorizadas e subalternizadas.

Nesse contexto, é conveniente para os ativistas neoliberais e autoritários da direita e da extrema-direita assumir uma posição dissimulada quanto ao rótulo de “ativistas”, chamando a si de “empreendedores”, “cidadãos interessados”, “peregrinos”, “voluntários” ou “trabalhadores partidários” – afirmações cotidianamente noticiadas de forma acrítica por jornalistas que compartilham de ideologias morais e políticas similares ou até mesmo convivem socialmente com integrantes desses grupos. Por sua vez, isso alimenta o sucesso eleitoral da extrema-direita e viabiliza alianças e recursos financeiros para guinadas autoritárias em instituições e plataformas.

## Conclusão

O ativismo envolve a promoção de princípios com o objetivo de concretizar alguma forma de transformação na sociedade. A mídia hegemônica e o espaço acadêmico ao redor do mundo têm, frequentemente, utilizado o termo “ativista” de maneira pejorativa ou inflamatória para ridicularizar as pessoas críticas ao capitalismo, ao racismo e à misoginia que fazem trabalho comunitário, manifestações, vão às ruas, enquanto disfarçam ou dissimulam as ações políticas e até mesmo os atos de violência política praticados por pessoas com objetivos autoritários e neoliberais.

Enquanto isso, talvez de forma ingênua, o peso moral do ativismo político tem sido comumente tomado como indicativo de ideais de equidade, igualdade e justiça. Entretanto, o número de ativistas de direita ao redor do mundo é muito mais amplo do que o de ativistas progressistas, muitos deles com auxílio oculto ou até mesmo explícito de governos e apoio financeiro das elites do poder. Isso permite que seu ativismo se torne mais sistemático, mais consistente e mais extremo, tanto online como offline, do que suas contrapartes progressistas e orientadas para a justiça social. Tendo isso em mente, qualquer suposição simplista sobre quem ou o que é um ativista, ou o próprio ativismo, no contexto atual, deve ser deixada de lado em favor de análises teórica e contextualmente mais complexas de histórias, objetivos, alianças, redes e comunidades de onde os “ativistas” vêm, às quais pertencem e pelas quais trabalham.

## Disponibilidade dos dados

Os dados associados a esta pesquisa são discutidos com maior profundidade no livro *Social Media and Hate*<sup>5</sup>, publicado em 2022, e no relatório de pesquisa “What-

5 Disponível para download gratuito em: <https://www.routledge.com/Social-Media-and-Hate/Banaji-Bhat/p/book/9780367537272>.

sApp Vigilantes"<sup>6</sup>. Os dados brutos são parte de um conjunto de dados mantido restrito por razões éticas.

## Financiamento

Uma parte da pesquisa discutida aqui foi realizada para o projeto "WhatsApp Vigilantes: An exploration of citizen reception and construction of WhatsApp messages' triggering mob violence in India", financiada por um dos 20 prêmios concedidos pelo WhatsApp Misinformation and Social Science Research Awards.

## Conflitos de interesse

Não há conflitos de interesse envolvidos na publicação deste artigo.

## Referências

BANAJI, S. Vigilante Publics: Orientalism, Modernity and Hindutva Fascism in India, **Javnost - The Public**, v. 25, n. 4, p. 333–350. <https://doi.org/10.1080/13183222.2018.1463349>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BANAJI, S.; BHAT, R. **Social Media and Hate**. Oxon, New York: Routledge, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003083078bSu>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BANAJI, S.; MORENO-ALMEIDA, C. Politicizing participatory culture at the margins: The significance of class, gender and online media for the practices of youth networks in the MENA region. **Global Media and Communication**, v. 17, n. 1, p. 121–142. <https://doi.org/10.1177/1742766520982029>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BANAJI, S.; MEJIAS, S. (eds.). **Youth active citizenship in Europe: Ethnographies of participation**. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-35794-8>. Acesso em: 14 maio 2026.

BANAJI, S.; BHAT, R.; AGARWAL, A.; PASSANHA, N.; PRAVIN, M. S. WhatsApp vigilantes: An exploration of citizen reception and circulation of WhatsApp misinformation linked to mob violence in India. **Department of Media and Communications**, London School of Economics and Political Science, 2019. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/media-and-communications/assets/documents/research/projects/WhatsApp-Misinformation-Report.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BANAJI, S.; BUCKINGHAM, D. **The civic web: Young people, the Internet and civic participation**. London: MIT Press, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7551/mitpress/8949.001.0001>. Acesso em: 14 maio 2026.

BERNTZEN, L. E. **Liberal roots of far right activism: The anti-Islamic movement in the 21st century**. Oxon, New York: Routledge, 2019.

<sup>6</sup> Disponível para download gratuito em: <https://www.lse.ac.uk/media-and-communications/assets/documents/research/projects/WhatsApp-Misinformation-Report.pdf>.

PIRRO, A. L. P.; RÓNA, D. Far-right activism in Hungary: Youth participation in Jobbik and its network. **European Societies**, v. 4, n. 21, p. 603–626. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4280161>. Acesso em: 15 abr. 2026.

WINTER, A. Online hate: From the Far-Right to the 'Alt-Right,' and from the margins to the mainstream. In: LUMSDEN, K.; HARMER, E. (Eds.). **Online Othering: Exploring violence and discrimination on the web**. Cham: Palgrave, 2019. p. 39–63. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-12633-9>. Acesso em: 14 maio 2026.

Recebido em: 15 abr. 2026  
Aprovado em: 10 mai. 2026